

A Importância do Pai na Qualidade da Autorregulação do Bebê

Inês Gonçalves

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

inesmariagoncalves@gmail.com

Marina Fuertes

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

marinaf@esex.ipl.pt

Resumo

Os comportamentos e o tipo de autorregulação do bebê observado na relação com figura materna têm sido associados à qualidade da vinculação e do desenvolvimento subsequente. Contudo, a literatura escasseia no que respeita à qualidade destes comportamentos do bebê na interação com o pai. Como intuito de estudar os processos de autorregulação do bebê e o papel paterno na interação foram observados: 19 bebês entre os 3 e os 9 meses. Os participantes deste estudo agruparam-se em 10 díades pai-bebê (6 meninos e 4 meninas) e 9 díades mãe-bebê (5 meninos e 4 bebês meninas). As respostas de autorregulação emocional do bebê e de interação diádica foram observadas na situação experimental Face-to-Face-Still-Face. Os resultados indicaram que, na nossa amostra, os bebês apresentaram os mesmos padrões de comportamento (Socialmente Positivo, Socialmente Negativo e Orientado para o Auto-conforto) com pais e mães, porém, exibiram tendencialmente mais comportamentos positivos com a mãe e mais comportamentos negativos com o pai. Contudo, considerando a diferença entre pais e mães, as mães exibiram mais comportamentos de intrusividade. Relativamente aos fatores demográficos, estes comportamentos de autorregulação pareceram estar significativamente associados a variáveis parentais (escolaridade e a idade dos pais) e a variáveis infantis (género, peso gestacional e paridade). Desta forma, os dados deste trabalho permitiram-nos concluir que a autorregulação infantil não deve ser compreendida apenas como um contributo do bebê, mas como um produto diádico.

Palavras-chave: Autorregulação Infantil; Face-to-Face-Still-Face; Interação Pais-Bebé;

Introdução

38

A investigação na área da autorregulação do bebé tem-se focado, na maioria dos estudos, em díades mãe-bebé, em detrimento das díades pai-bebé (e.g., Braungart-Rieker, Garwood & Notaro, 1998). No entanto, foi possível perceber que a figura paterna e materna são igualmente sensíveis e mutuamente envolvidos em interação com os bebés (Braungart-Rieker et al., 1998).

Os resultados de Fuertes, Beehly, Lopes dos Santos e Tronick (2011) indicam que as respostas sociais do bebé parecem ser afetadas pelo comportamento interativo materno. Deste modo, o conceito de autorregulação é entendido como um constructo diádico em que bebé e adulto respondem aos comportamentos e emoções um do outro, de forma a regular as interações momento-a-momento, mutuamente (Tronick, Als, Adamson & Brazelton, 1978; Beehly, Fuertes, Liu, Delonis & Tronick, 2011). No presente estudo procuramos analisar o impacto do contributo dos pais e das mães nos comportamentos de autorregulação do bebé.

Diferenças individuais e formas de organização comportamental na autorregulação emocional infantil

Em 1978, Tronick e equipa desenharam um paradigma experimental denominado Face-to-Face-Still-Face no qual as mães ficavam subitamente inexpressivas durante dois minutos. A generalidade dos bebés fica perturbado com a ausência de resposta materna (e.g., maior agitação, sinais de frustração). Todavia, alguns estudos identificam variações individuais no comportamento dos bebés. Por exemplo, Mayes e Carter (1990), observaram que durante o episódio Still-Face, aproximadamente um quinto dos bebés da amostra (23%), de 3 a 4 meses de idade, tinha a capacidade para se manter ligado a adultos que não interagiam, manifestando comportamentos positivos ou a ausência de comportamentos negativos.

Tronick e Weinberg (1990) criaram um sistema micro-analítico, o Infant Regulatory Scoring System (IRSS), cujo objetivo assenta na cotação do comportamento infantil na Situação Still-Face, segundo a segundo. Posteriormente, numa outra investigação, Fuertes, Lopes dos Santos, Beeghly e Tronick (2006), agruparam os comportamentos cotados no IRSS em três categorias: (i) Orientação Socialmente Positiva; (ii) Orientação Socialmente Negativa; e (iii) Auto-conforto. De acordo com Fuertes e seus colegas (2011), cada uma destas categorias subdivide-se em unidades de comportamento que podem ocorrer de forma isolada ou em combinação.

Do método original, criado por Tronick e Weinberg (1990), era prevista a avaliação da intensidade afetiva expressa pelo comportamento do bebé e ampliar a pontuação nas três categorias. Desta forma, Fuertes e colegas (2006, 2009) num estudo com uma amostra de bebés pré-termo saudáveis, identificam três padrões de autorregulação infantil na situação Still-Face, através de uma análise de clusters: o Padrão Socialmente Positivo (positive to others direct coping), o Padrão Socialmente Negativo (negative to others direct coping) e o Padrão Orientado para o Auto-conforto (self-direct coping). Por sua vez, e através dessa análise de clusters dos valores totais das três dimensões foram gerados três grupos de caracterização comportamental de bebés (Fuertes et al., 2011): Padrão Socialmente Positivo (grupo 1): os bebés deste grupo tendem a apresentar comportamentos socialmente positivos ao longo dos episódios da experiência de Still-Face, embora estes comportamentos positivos diminuam de forma acentuada no segundo episódio. Outra característica deste grupo reside no facto de os comportamentos negativos e de auto-conforto ser significativamente menor em todos os episódios, em relação aos outros dois grupos; Padrão Socialmente Negativo (grupo 2): desde o primeiro episódio da situação Still-Face que estes bebés exibem comportamentos de desconforto. No segundo episódio (Still-Face) revela-se um aumento considerável da expressão negativa (a maioria destes bebés chora e o episódio tem de ser interrompido), não existindo recuperação no último episódio (Reunião). Neste grupo, são quase inexistentes os comportamentos de auto-conforto, tal como os comportamentos positivos apenas tendem a expressar-se no primeiro episódio; Padrão Orientado para o Auto-conforto (grupo 3): os bebés deste grupo são caracterizados pelos seus comportamentos de auto-conforto e regulação dos estados emocionais, quando comparados aos outros dois grupos. Porém, estes comportamentos de autorregulação são tendencialmente mais elevados no primeiros e último episódio, tendendo a diminuir consideravelmente no segundo episódio (Still-Face). Uma outra característica deste grupo é a presença de uma expressão negativa em todos os episódios.

Contributos da autorregulação para o desenvolvimento infantil

Ao relacionar autorregulação e desenvolvimento infantil, os resultados de alguma investigação sugerem uma relação entre problemas de regulação e problemas de socialização e saúde mental (Moore, Cohn, & Campbell, 2001), assim como um desempenho académico menos favorável (Feldman, 2007). Estudos indicam que bebés com maior reatividade ao stress têm maior tendência a apresentar mais dificuldades em termos de desempenho cognitivo aos 4 anos, tal como no desenvolvimento da linguagem (Feldman, 2007). Estes são dados que sugerem que a forma como o bebé aprende a auto-regular as suas emoções é determinante no seu desenvolvimento subsequente e pode ser entendido como um processo desenvolvimental em si mesmo (Fuertes, 2005).

Contributos da interação com o pai para a autorregulação infantil

Apesar de muito menos estudado que as relações mãe-bebé, as crianças também formam relações de vinculação, seguras ou inseguras, com o pai (Braungart-Rieker, Garwood, Powers & Wang, 2001).

Braungart-Rieker, Garwood e Notaro (1998) examinaram a sensibilidade materna e paterna durante a interação com os seus bebés e as respostas sociais dos bebés durante o FFSF. Os resultados não indicaram diferenças entre a sensibilidade materna e paterna perante os bebés. Os pais e as mães mostraram níveis semelhantes de envolvimento com os filhos. No mesmo sentido, o efeito Still-Face, ou seja, a perturbação no episódio Still-Face, foi observado tanto com a mãe como com o pai.

De acordo com a meta-análise de Mesman, van IJzendoorn e Bakermans-Kranenburg (2009), as relações seguras com um pai (figura parental) estão apenas modestamente relacionadas com a segurança na relação com o outro. Na mesma investigação, os autores referem que a proporção de tempo que os bebés passaram em estado positivo e estado negativo durante a situação experimental Still-Face não foi significativamente diferente com as mães em comparação com os pais. Porém, os bebés apresentaram mais comportamentos de auto-conforto com a mãe, enquanto com o pai foram mais frequentes os comportamentos sociais dirigidos ao adulto (Mesman et al., 2009). Os resultados deste estudo longitudinal indicaram que tanto a sensibilidade dos pais, como a regulação afetiva da criança aos 4 meses eram preditores da relação de vinculação a um ano de idade, exibindo resultados similares para a mãe como para o pai. Verificou-se que a sensibilidade paterna não estava significativamente relacionada com o afeto positivo, afeto negativo ou autorregulação do bebé durante o Still-Face pai-bebé. (Braungart-Rieker et al., 2001). Se a comportamento das mães contribui para a auto-regulação do bebé, o puzzle dos dados recolhidos pela investigação sobre o papel dos comportamentos dos pais está longe de ser compreendido.

Forbes, Cohn, Allen e Lewinsohn (2004), ao estudar a interação diádica em situação Still-Face entre mãe-bebé e pai-bebé, entre os 3 e os 6 meses, com o objetivo de compreender se as diferenças entre pai e mãe se refletem no afeto do bebé, concluíram que os bebés eram mais positivos com as mães do que com os pais, tanto aos 3 como aos 6 meses de idade. Contudo, fora da situação Still-face estes dados não se confirmam (Faria, Lopes dos Santos & Fuertes, 2014).

Objetivos de estudo

Neste estudo pretendemos estudar o padrão de autorregulação dos bebés no paradigma experimental Face-to-Face-Still-Face entre os 3 e os 9 meses de idade com díades pai-bebé e comparar com díades mãe-bebé. Adicionalmente, pretendemos investigar o contributo diádico dos bebés e dos pais para a qualidade da organização dos comportamentos dos bebés. Nestes sentido, pretendemos identificar padrões de autorregulação de bebés entre os 3 e os 9 meses ao longo dos episódios do paradigma experimental FFSF, na relação com a figura parental, comparar o padrão de autorregulação infantil em díades pai-bebé e mãe-bebé, identificar a relação entre os comportamentos interativos materno/paterno e os comportamentos de autorregulação do bebé ao longo da situação FFSF e descrever o impacto dos contributos parentais e infantis no comportamento interativo no paradigma FFSF e nos padrões de autorregulação.

Metodologia

Participantes

Neste estudo participaram dois grupos compostos por 19 bebés: dez díades pai-bebé constituídas por seis bebés do género masculino e quatro bebés do género feminino e nove díades mãe-bebé formadas por cinco bebés do género masculino e quatro bebés do género feminino. Os dois grupos da amostra foram emparelhados quanto a: i) idade dos bebés; ii) género dos bebés; iii) lugar na fratria dos bebés; iv) idade dos pais; v) nível de escolaridade dos pais, e vi) nível socioeconómico das famílias.

Os bebés e os seus pais foram observados no paradigma experimental Face-to-Face Still-Face (Tronick et al., 1978) entre os 3 e os 9 meses de idade. A amostra de conveniência foi recrutada pela investigadora, fazendo-se notar a grande dificuldade de adesão ao estudo por parte dos pais às diversas e variadas solicitações. Aos pais que participaram foram explicados os objetivos e procedimentos do estudo, concordaram com a participação do bebé e assinaram o consentimento informado.

Os bebés em estudo foram selecionados segundo os seguintes critérios: a) terem entre 3 e os 9 meses de idade; b) não existirem fatores de risco identificados; e c) não existirem referências a psicopatologia materna ou paterna. Quanto aos dados demográficos (Tabela 1), todos os bebés em estudo viviam com o pai e com a mãe, sendo famílias portuguesas na totalidade.

Tabela 1. Dados Demográficos da Amostra

DADOS DEMOGRÁFICOS	
GÉNERO	
Feminino	8
Masculino	11
IDADE DO BEBÉ EM MESES	
M	6,68
(D.P.)	2,540
PESO GESTACIONAL	
Média	3371,11
(D.P.)	536,85
IDADE GESTACIONAL	
Média	39,67
(D.P.)	1,048
LUGAR NA FRATRIA	
Primíparo	12
Múltiparo	7
HABILITAÇÕES LITERÁRIAS (MÃE/PAI)	
Entre 9 e 12 anos de escolaridade	12
Curso Superior	7

IDADE (MÃE/PAI)	
Entre os 27 e os 32 anos	12
Entre os 33 e os 35 anos	7
ESTADO CIVIL (MÃE/PAI)	
Casados	10
União de Facto	9
NÚMERO FILHOS POR FAMÍLIA	
Média	1,42
(D.P.)	,607

Nesta amostra, 11 bebés pertenciam ao género masculino e oito ao género feminino. No período de recolha de dados, os bebés tinham em média 6 meses de idade, na sua maioria, primíparos (63,2%), sem condições assinaláveis de risco, sendo bebés de termo com idade gestacional de 39 semanas, em média, e peso gestacional médio de 3.371kg. Os seus pais tinham entre os 27 e os 32 anos, na maioria, não excedendo os 35 anos de idade, com percentagens residuais relativamente ao estado civil (casados – 52%; união de facto – 47%) e, em média, o 12º ano de escolaridade.

Procedimentos

42 Recolha de dados

Os participantes deste estudo foram observados na situação experimental Face-to-Face-Still-Face (FFSF) e, para o efeito, a investigadora deslocou-se ao local mais conveniente para as famílias, nomeadamente, ao domicílio e ao contexto educativo de frequência dos bebés. Foi seguido o protocolo original da experiência (Tronick, et al., 1978). O procedimento tem um total de 9 minutos, os quais estão divididos em intervalos de três episódios. No primeiro episódio é dada a instrução aos pais para brincar com a criança, tal como normalmente o fazem, sem recorrer à chucha ou a outros brinquedos, durante 3 minutos. O segundo episódio é marcado pela instrução para mudar para uma expressão facial fixa e neutra, sem expressão por parte dos pais, que também não poderá responder às solicitações do bebé durante 3 minutos. No terceiro e último episódio, caracterizado pelo regresso dos pais à interação com o bebé, de forma normal, tal como aconteceu no primeiro momento, durante mais 3 minutos. Antes de dar início ao procedimento, prevenimo-nos que todos os bebés se encontrassem alimentados, sem sono e calmos.

Cotação do Comportamento de Autorregulação Infantil através do Paradigma Experimental FFSF

Com o objetivo de descrever o comportamento das crianças ao longo dos episódios do FFSF, o sistema de cotação está organizado em sete descrições de comportamento. As descrições de comportamento incluem o comportamento infantil ao longo dos episódios do FFSF e organiza-o em diferentes tipos, intensidade e qualidade dos comportamentos exibidos, assim como a capacidade de a criança recuperar no último episódio do FFSF.

Algumas das definições dos comportamentos específicos, como vocalizações, olhares, gestos, comportamentos de auto-conforto, entre outros, podem ser consultados em Tronick e Weinberg (1990). O sistema de cotação atual e utilizado neste estudo baseia-se em várias definições de comportamentos do IRSS, mas sobretudo na descrição de comportamentos decorrente das narrativas (scripts) realizado pela equipa de Fuertes e colegas (2006, 2009, 2011).

A descrição das narrativas indicou-nos três grandes grupos de comportamento autorregulatórios: Comportamento Socialmente Positivo, Comportamento Socialmente Negativo e Comportamento Orientado para o Auto-conforto, correspondentes a formas de auto-organização, mas com variações na expressão deste comportamento que são apresentadas em sete estilos funcionais de autorregulação observados no FFSF em bebés dos 3 aos 9 meses.

As descrições apresentadas correspondem a sete estilos de comportamento mutuamente exclusivos em categorias discretas. Conceptualmente estes sete grupos correspondem a três categorias comportamentais que identificámos com as categorias comportamentais descritas no trabalho quantitativo e micro-analítico de Fuertes et al. (2006, 2009). As descrições dos Estilos VII, VI, V correspondem ao Padrão de Comportamento Socialmente Positivo, enquanto as descrições dos Estilos IV e III correspondem ao Padrão de Comportamento Socialmente Negativo e, por fim, o Estilo II corresponde ao Padrão de Comportamento Orientado para o Auto conforto. Ao trabalho quantitativo, as narrativas acrescentam a descrição do funcionamento destas formas de autorregulação infantil e a compreensão de que no seio dos padrões previamente descritos se encontram formas de variabilidade em Estilos comportamentais.

Qualidade do Envolvimento Parental na Interação com o Bebê em Situação FFSF

Para analisar a qualidade do envolvimento parental no primeiro e terceiro episódio da situação experimental FFSF foi aplicada a escala Infant and Caregiver Engagement Phases (ICEP) de Weinberg e Tronick (1992). Esta escala apresenta sete categorias de pontuações que avaliam o comportamento do adulto, progressivamente, do envolvimento positivo ao envolvimento negativo (Tabela 2), assim como as fases do envolvimento infantil (Tabela 3).

As fases de envolvimento infantil e do adulto são mutuamente exclusivas, tendo em comum a combinação de três fatores: expressão facial, direção do olhar e vocalizações (Weinberg & Tronick, 1992). A escala ICEP é um sistema de pontuações utilizado para codificar as interações adulto-bebê (Weinberg & Tronick, 1999, citado por Nash, 2013). É administrado através de um esquema de codificação micro-analítica onde o investigador observa segundo a segundo, classifica e codifica o comportamento parental e da criança em análises exclusivas (Nash, 2013).

Tabela 2. Pontuação e Descritores das Fases de Envolvimento do Adulto

Pontuação	Descritores da Escala de Envolvimento do Adulto
Comportamento de Envolvimento Positivo Exagerado	
8	Comportamentos que incluem a exibição de expressão facial, tom de voz e/ou ações exageradas. A expressão facial do adulto inclui risos, brincadeiras e surpresas exageradas. As vocalizações são exageradas e podem incluir cantigas, baby-talk, narrativas animadas ou vocalizações associadas a jogos.
Comportamento de Envolvimento Social Positivo	
7	Comportamentos de expressão de afeto positivo, tais como sorrisos cheios, risos ou expressões de brincadeira.
Comportamentos de Envolvimento Positivo	
6	Comportamentos que incluem uma expressão facial neutra, interessada e/ou com sorrisos, o olhar do adulto está focado na criança ou na atividade da mesma. Apesar da expressão facial ser neutra, as vocalizações são positivas.
Comportamento de Monitorização Social	
5	O adulto olha com atenção focada para a criança ou para a atividade da criança, mantendo uma expressão facial neutra. O adulto pode olhar atento para a mesma e, ocasionalmente, mostrar um sorriso, estar em silêncio ou vocalizar para o bebê de forma neutra.
Comportamentos de Envolvimento não focado na Criança	
4	O adulto não está a dar atenção à criança e está envolvido numa atividade não focada na criança, por exemplo, a ajeitar a própria roupa; falar para o investigador; olhar para um objeto que a criança não esteja a olhar; esfregar os olhos e a cara devido ao cansaço.
Comportamento de Ausência	
3	O adulto está minimamente envolvido com a criança. As expressões faciais são tristes ou sem expressão e não há sorrisos. Pode estar em silêncio, falar ou sussurrar num tom monótono ou sem expressão. Pode estar recostado na sua cadeira, não tocar no bebê, parecer hesitante ou sem ideia do que fazer.

Comportamentos de Envolvimento Negativo com Hostilidade/Intrusividade	
2	O envolvimento do adulto é caracterizado por comportamentos hostis ou intrusivos, variando deste o chatear/aborrecer e irritar à agressão, zanga ou hostilidade. A expressão facial do adulto pode ser tensa, franzida, repreensiva, zangada ou hostil. O tom afetivo das vocalizações pode ser zangado, alto ou explosivo.
Comportamentos de Envolvimento Negativo	
1	O adulto é negativo, intrusivo, hostil ou ausente. A sua expressão facial é de zanga, hostil, severo, triste, sóbrio ou sem expressão. Não há sorrisos. As vocalizações têm uma expressão de zanga, altas ou não têm expressão. O adulto pode estar em silêncio ou falar num tom monótono.
0	Não Cotável

Tabela 3. Pontuação e Descritores das Fases de Envolvimento Infantil

Pontuação	Descritores das Fases de Envolvimento Infantil
Dormir	
9	A criança está a dormir.
Comportamentos de Envolvimento Social Positivo	
6	A criança deverá demonstrar expressão facial de alegria, particularmente sorrisos. Deverá olhar para a face do cuidador. Pode vocalizar, rindo, balbuciando ou guinchando. A criança pode estar envolvida com o adulto num ritmo social de brincar.
Comportamento de Monitorização Social	
5	A atenção da criança é dirigida ao cuidador, com expressão facial neutra ou de interesse. O olhar deve estar orientado para a face do adulto e pode vocalizar de forma neutra/positiva.

Comportamentos de Envolvimento focado no Objeto/Ambiente	
4	A criança olha para objetos que estão proximais (ex.: cadeira/assento) ou distais (ex.: câmara) e pode vir a manipulá-los. O olhar deve ser dirigido a um objeto, as expressões faciais são tipicamente interessadas ou neutras mas podem, ocasionalmente, ser positivas. Poderá ou não vocalizar. Os objetos podem incluir as próprias mãos, pés, barriga ou roupa, o corpo do adulto (ex.: tronco, mãos, jóias) ou objetos que fazem parte do setting do laboratório (ex.: fitas da cadeira, câmaras ou cortinas). Note-se que a face do adulto não constitui um objeto.
Comportamentos de Ausência	
3	A criança está ausente, fechada e minimamente envolvida com o cuidador. As expressões faciais são particularmente sérias e tristes, incluindo aversão do olhar. As vocalizações são caracterizadas por resmungo e choramingo. Comportamento apático e postura caída. A criança está pouco envolvida com o adulto.
Comportamentos de Protesto	
2	A criança está a protestar. Frequentemente exhibe expressões faciais de zanga, caretas, está agitada ou a chorar. A criança tende a estar ativa durante esta fase: pode arquear as costas, tentar fugir, gesticular, quer ser levantada, bater, puxar ou afastar o adulto.
Comportamentos de Envolvimento Negativo	
1	A criança é negativa, protesta ou retira-se. A criança demonstra expressões faciais negativas (ex.: rosto de zanga, tristeza, angústia ou choro). Não há critérios para o olhar. Há uma variedade de comportamentos gestuais e posturais que podem ocorrer (ex.: afastar o adulto e contorcer-se na cadeira).
0	Não Cotável

Resultados

Padrões de autorregulação da criança e comportamentos dos pais e mães

De acordo com a escala ICEP, os pais com filhos de Padrão Socialmente Positivo apresentavam médias superiores de Comportamentos de Envolvimento Social Positivo no terceiro episódio do Still-Face [$t(17)=2.284$; $p<.05$]. Por seu lado, as crianças de Padrão Socialmente Positivo também apresentam médias superiores de Comportamentos de Envolvimento Social Positivo no terceiro episódio do Still-Face, em comparação com as crianças de Padrão Socialmente Negativo [$t(17)=2.733$; $p<.05$]. No mesmo sentido, tal como se pode observar na Tabela 4, os filhos tendem a exibir mais comportamentos socialmente positivos com a mãe e mais comportamentos socialmente negativos com o pai.

Tabela 4. Padrões de Comportamento Infantil

Padrões de Comportamento Infantil	Figura parental		Total
	Mãe	Pai	
Socialmente Positivo	5	3	8
Socialmente Negativo	3	7	10
Auto-Conforto	1	0	1
Total	9	10	19

Diferenças entre pais e mães

As mães, em média, exibem mais Comportamentos de Envolvimento Negativo com Hostilidade/Intrusividade do que os pais [$t(17)=2.506$; $p<.05$] no primeiro episódio do Still-Face, de acordo com a escala ICEP.

Correlação entre os comportamentos interativos parentais e infantis, avaliados com a situação experimental Face-to-Face-Still-Face

Pela escala ICEP, observam-se correlações significativas entre os seguintes comportamentos interativos parentais (mãe e pai, analisados no seu conjunto) e infantis (Tabela 5).

Tabela 5. Correlações significativas entre os Comportamentos Parentais e Infantis, avaliados com a situação experimental FFSF pelo ICEP

Correlações significativas entre os Comportamentos Parentais e Infantis, avaliados com a situação experimental FFSF pelo ICEP	
Adulto	Criança
Comportamentos de Envolvimento Negativo com Hostilidade/Intrusividade no primeiro episódio	(+) Comportamentos de Ausência no primeiro episódio
Comportamentos de Envolvimento Negativo com Hostilidade/Intrusividade no terceiro episódio	(-) Comportamentos de Envolvimento Social Positivo no primeiro episódio
Comportamentos de Ausência no primeiro episódio	(+) Comportamentos de Ausência no primeiro e terceiro episódios
Comportamentos de Ausência no terceiro episódio	(+) Comportamentos de Envolvimento Social Positivo no primeiro episódio
Comportamentos de Monitorização Social no primeiro episódio	(+) Comportamentos de Monitorização Social no terceiro episódio
	(-) Comportamentos de Ausência no terceiro episódio

Comportamentos de Monitorização Social no terceiro episódio	(-) Comportamentos de Monitorização Social no primeiro episódio
	(+) Comportamentos de Envolvimento Focado no Objeto/Ambiente no primeiro e terceiro episódios
Comportamentos de Envolvimento Positivo no primeiro episódio	(+) Comportamentos de Envolvimento Positivo Social no terceiro episódio

Os pais e mães com mais Comportamentos de Envolvimento Negativo com Hostilidade/Intrusividade no primeiro episódio correlacionam-se positivamente com Comportamentos de Ausência no primeiro episódio dos filhos ($Rho=.517$; $p<.05$) e negativamente com Comportamentos de Envolvimento Social Positivo no primeiro episódio ($Rho=-.467$; $p<.05$). No mesmo sentido, este comportamento parental no terceiro episódio correlaciona-se com Comportamentos de Ausência da criança no terceiro episódio ($Rho=.751$; $p<.01$) e no primeiro episódio do Still-Face ($Rho=.584$; $p<.01$).

Os Comportamentos de Ausência dos pais e mães no terceiro episódio correlacionam-se com Comportamentos de Monitorização Social da criança no terceiro episódio ($Rho=.835$; $p<.01$) e no primeiro episódio ($Rho=.580$; $p<.01$), assim como os mesmos comportamentos do adulto no primeiro episódio se correlacionam com Comportamentos de Envolvimento Social Positivo da criança no primeiro episódio do Still-Face ($Rho=.480$; $p<.05$).

48

Os pais com mais Comportamentos de Monitorização Social no terceiro episódio têm filhos com menos Comportamentos de Monitorização Social no primeiro episódio ($Rho=-.514$; $p<.05$). Contudo, este tipo de comportamento parental correlaciona-se com Comportamentos de Envolvimento Focado no Objeto/Ambiente dos filhos no primeiro episódio ($Rho=.480$; $p<.05$) e no terceiro episódio do Still-Face ($Rho=.665$; $p<.01$). Em adição, estes comportamentos do adulto no primeiro episódio correlacionam-se negativamente com Comportamentos de Ausência da Criança no terceiro episódio ($Rho=-.458$; $p<.05$).

Os Comportamentos de Envolvimento Positivo dos pais e mães no primeiro episódio correlacionam-se com Comportamentos de Envolvimento Social Positivo da criança no terceiro episódio do Still-Face ($Rho=.767$; $p<.01$), ou seja, as crianças com comportamentos de envolvimento social positivo no terceiro episódio têm pais com mais comportamentos de envolvimento positivo no primeiro episódio.

Impacto do contributo parental no comportamento interativo em situação experimental FFSF

As mães e os pais com mais anos de escolaridade têm mais Comportamentos de Envolvimento Positivo ($Rho=.490$; $p<.05$) e Comportamentos de Monitorização Social ($Rho=.442$; $p<.05$) com os filhos, no terceiro episódio do Still-Face.

Apesar de todas as crianças terem nascido de termo (36 semanas ou mais), as crianças com mais peso gestacional tendem a exibir mais Comportamentos de Monitorização Social no primeiro episódio do Still-Face ($Rho=.880$; $p<.001$). Enquanto os seus pais e mães (analisados no seu conjunto) apresentam mais Comportamentos de Monitorização Social no primeiro episódio Still-Face ($Rho=.752$; $p<.005$), mais Comportamentos

de Envolvimento Positivo Exagerado no primeiro ($Rho=.836$; $p<.001$) e terceiro ($Rho=.730$; $p<.005$) episódio Still-Face, e mais Comportamentos de Envolvimento Social Positivo no primeiro ($Rho=.717$; $p<.05$) episódio do Still-Face.

As mães e os pais dos primíparos exibem, em média, mais Comportamentos de Envolvimento Positivo no primeiro [$t(17)=2.323$; $p<.05$] e terceiro episódio [$t(17)=2.081$; $p<.05$] do Still-Face, enquanto os pais de múltiplos exibem mais comportamentos de Monitorização Social no primeiro episódio do Still-Face [$t(17)=-2.284$; $p<.05$]. Ainda que subsignificativo, verificam-se Comportamentos de Envolvimento Negativo com Hostilidade/Intrusividade do adulto no terceiro episódio Still-Face [$t(17)=2.00$; $p=0.62$], com os primíparos.

A idade dos pais e mães correlacionou-se negativamente com Comportamentos de Envolvimento Negativo com Hostilidade/Intrusividade do adulto no primeiro episódio ($Rho=-.518$; $p<.05$) e com Comportamentos de Ausência da criança ($Rho=-.413$; $p<.05$). Adicionalmente, a idade dos pais correlacionou-se positivamente com Comportamentos de Envolvimento focado no Objeto/Ambiente no primeiro episódio ($Rho=.685$; $p<.05$).

As meninas, em comparação com os meninos, protestam mais no primeiro episódio do Still-Face [$t(17)=-2.170$; $p<.05$], enquanto os pais e as mães das meninas apresentam mais Comportamentos de Monitorização Social no terceiro episódio do Still-Face [$t(17)=2.152$; $p<.05$].

Discussão dos Resultados

Neste estudo procurámos, numa amostra portuguesa, investigar a autorregulação infantil com pais e mães. Para o efeito, observámos 10 díades paternas e nove díades maternas com bebés entre os 3 e os 9 meses de idade, sem risco assinalável, na situação experimental Face-to-Face-Still-Face.

Em primeiro lugar, neste estudo foi possível encontrar os mesmos padrões de comportamento infantil nas díades maternas e paternas, os quais: Socialmente Positivo, Socialmente Negativo e Orientado para o Auto-conforto, os quais foram identificados por Fuertes e colegas (2009) numa amostra de bebés prematuros saudáveis de 3 meses, e, mais recentemente, em díades maternas com bebés de termo (Seixas, 2015). Deste modo, replicam-se em díades paternas os mesmos estilos comportamentais diádicos já observados em díades maternas. Assenta aqui a originalidade deste trabalho, considerando que pela primeira vez foram testados e observados os padrões comportamentais encontrados por Fuertes e colegas (2009), em díades paternas.

Com efeito, apurámos que os bebés da nossa amostra apresentam mais comportamentos do Padrão Socialmente Positivo com a figura materna e comportamentos do Padrão Socialmente Negativo com a figura paterna. O que poderá contribuir para que as díades pai-bebé sejam consideravelmente mais negativas? A literatura anterior indica que os bebés são geralmente mais positivos com as mães do que com os pais, verificando-se também esta diferença de forma significativa na nossa amostra. Sublinhamos que a nossa amostra é muito reduzida e de conveniência, daí que os resultados não podem ser generalizados. Não obstante, foi observado que os pais tinham mais dificuldade na reparação das emoções com os bebés, nomeadamente as emoções negativas, do que as mães. Bem como, para os pais foi mais difícil manter uma interação positiva por um período mais longo, fazendo-se notar um leque menor de estratégias relacionais. Os pais mencionaram

por diversas ocasiões o facto de estarem a ser filmados, o que nos pode levar a tomar em consideração uma diminuição da espontaneidade. Poderá a filmagem afetar mais os pais? Outro ponto comum entre as díades pai-bebé assentou na associação recorrente que os pais faziam entre as manifestações negativas dos bebés e o facto de estarem sentados e presos na cadeira. Por exemplo, muitas vezes, tentavam pegar no bebé, criando uma eventual expectativa negativa no bebé de que seriam pegados ao colo, contribuindo para um aumento comportamentos negativos dos filhos.

À semelhança do que foi mencionado por Forbes e colegas (2004) em que os pais exibem mais brincadeira física do que as mães, e tal como revisto por Faria, Lopes dos Santos e Fuertes (2014) num artigo exploratório e de revisão do papel materno e paterno, em que referem que as interações com o pai envolvem brincadeiras emocionantes, divertidas, robustas e fisicamente emocionantes, colocamos a hipótese de os pais se sentirem impedidos de interagir com os filhos de acordo com os seus recursos habituais e que lhes são aparentemente mais naturais. Ou seja, devido à especificidade da situação experimental, por se sentirem limitados e impedidos de utilizar brincadeiras fisicamente mais envolventes, os pais ficam com menos recursos interativos e relacionais. Fica assim a questão: Será que os pais utilizam uma menor variedade de estratégias comportamentais interativas e de envolvimento com os filhos?

Aos comportamentos mais intrusivos maternos e paternos associaram-se menos comportamentos positivos dos filhos. Concomitantemente, e considerando a diferença entre pais e mães, as mães são tendencialmente mais intrusivas do que os pais, exibindo mais Comportamentos de Envolvimento Negativo com Hostilidade/Intrusividade, de acordo com a escala ICEP. Estes comportamentos de intrusividade adquirem a forma de estimulação excessiva do bebé sem que lhe seja dado tempo para estruturar as suas emoções, de modo a encontrar estratégias de auto-conforto. Estes resultados, tal como os de estudos realizados anteriormente com díades maternas, como por exemplo a meta-análise realizada por Mesman e colaboradores (2009), indicam uma forte associação entre a sensibilidade materna e o afeto exibido bebé, em situação FFSF.

A intrusividade do envolvimento materno pode ser compreendida como uma estratégia de controlo da relação, porém, contribui para a autorregulação do bebé, reforçando o aumento de respostas negativas e dificultando a organização de estratégias de auto-conforto. Assim sendo, como será que o bebé contribui para a relação? Sabemos que os bebés são atores sociais ativos que contribuem para a interação social (Tronick et al., 1978). Num estudo da autoria de Faria e Fuertes (2007), com o intuito de explorar a relação entre a reatividade infantil em situação Still-Face e a qualidade do comportamento materno observado em jogo livre, verificou-se o comportamento dos bebés em condições desencadeadoras de stress apresentar alguma (mas não totalmente) continuidade com o comportamento infantil em interação livre. Ou seja, apesar da consistência comportamental infantil em diferentes situações interativas, as autoras defendem que a criança não está afeta a uma única estratégia comportamental. Num outro estudo nacional com bebés prematuros, Fuertes e seus colaboradores (2011) encontraram resultados indicativos de que as respostas sociais precoces parecem ser afetadas pelo comportamento interativo materno. Desta forma, e pelas observações do nosso estudo, faz-nos sentido retomar o conceito de autorregulação diádica, nomeadamente, o Modelo de Regulação Mútua da interação mãe-bebé, o qual é sustentado pela importância que o sistema afetivo da criança tem na regulação da interação social, propondo que a díade tem um objetivo interativo e um conjunto de competências (demonstrações afetivas) para o realizar. Esse objetivo passa por atingir um estado de reciprocidade, ou melhor, de regulação mútua, dos seus comportamentos interativos (Tronick,

2007).

Em relação aos contributos parentais, quais os que têm maior peso para a autorregulação dos bebés? Como referem Beeghly e seus colaboradores (2011), é vasta a literatura que documenta os contributos que as características parentais trazem para a qualidade da autorregulação diádica. Na nossa amostra, surgem variáveis significativas, tais como a escolaridade e a idade dos pais. Desta forma, os pais e as mães com mais escolaridade parecem envolver-se emocionalmente de forma mais positiva com os filhos. De facto, a escolaridade dos pais parece estar relacionada a relações mais seguras (Pederson & Moran, 1996, citado por Faria et al., 2014). De acordo com a literatura nacional, a variável escolaridade dos pais é compreendida como sendo um fator explicativo dos resultados de vinculação e da qualidade da interação entre pais e filhos (Fuertes et al., 2009).

Relativamente à idade dos pais, esta parece contribuir num sentido decrescente em termos de comportamentos hostis, sendo que os filhos de pais com mais idade tiveram mais comportamentos de envolvimento com o objeto. Relativamente a este fator, existe pouca literatura e os resultados não são coerentes. Em diversos estudos internacionais a idade materna é reportada como um fator significativo que afeta as práticas parentais (Ragozin et al., 1982; Bornstein, Putnick, Suwalsky & Gini, 2006). Muitos desses estudos comparam amostras de mães adolescentes e mães adultas. As mães adolescentes são descritas como menos verbais, estimulantes, sensíveis e responsivas perante os filhos, do que as mães adultas (Berlin, Brady-Smith & Brooks-Gunn, 2002). As mães adultas, ou seja, com mais de 20 anos de idade, reportaram maior satisfação e capacidade para cuidar dos seus filhos, comparativamente às mães adolescentes (Moore & Brooks-Gunn, 2002). Num estudo conduzido por Bornstein e colaboradores (2006), observou-se que mães com mais de 27 anos de idade tendiam a aumentar a frequência e a duração da comunicação verbal para a criança, a sensibilidade materna e a estruturação do ambiente infantil. Assim, mães mais velhas (com mais de 30 anos) percebiam os seus filhos como mais difíceis e consideravam mais difícil a adaptação aos desafios normativos infantis associados ao ajustamento ao recém-nascido, do que as mães mais jovens. Além do exposto, este estudo refere, também, que as mães mais jovens têm mais apoio social e familiar alargado, enquanto as mães com mais idade têm apoio mais doméstico.

Como efeito, os bebés contribuem para a interação com os pais. No nosso estudo as meninas parecem protestar mais. Este resultado corrobora não só literatura internacional (Mayes & Carter, 1990; Braungart-Rieker et al., 1998), mas também corrobora os dados do recente estudo nacional com mães, conduzido por Seixas (2015).

Verificámos, também, que os pais de bebés com maior peso gestacional tendem a exibir mais comportamentos positivos exagerados. Estes resultados convergem com o estudo de Fuertes (2005), relativamente à análise dos fatores demográficos, em que se verifica que a sensibilidade materna é superior em mães com maior escolaridade, com bebés com menos problemas de saúde e Índice de Apgar superior. Num estudo realizado com gémeos, observou-se que o gémeo mais saudável era a quem a mãe dedicava mais atenção, independentemente de outros fatores, como por exemplo, ser o mais bonito, chorar menos ou nascer primeiro (Mann, 1992). Mais recentemente, Seixas (2015) também observa que o índice de Apgar mais elevado ao 1º minuto contribui para que os bebés sejam mais positivos, tanto aos 3 como aos 9 meses. Neste ponto colocamos as seguintes questões: De que forma a qualidade de vida no momento do nascimento afeta a forma como os pais interagem com o bebé? Será que a condição de saúde, mais precisamente, o peso gestacional, por não causar motivos de risco traz aos pais menor preocupação que, por sua vez, lhes permite uma maior descontração na relação com

os bebês, ao ponto de exagerar nos comportamentos de interação?

Por outro lado, observamos que os pais de primíparos se envolvem de forma mais positiva. Não podemos deixar de questionar: Será que o primeiro filho traz uma novidade, com contornos de entusiasmo, ao ponto de promover o envolvimento positivo, em relação aos segundos filhos?

Desta forma, alguns fatores associados à criança e à família relacionam-se com os comportamentos maternos e paternos, corroborando os modelos de análise teórica do desenvolvimento: modelo bioecológico (Bronfenbrenner & Morris, 1998) e modelo transacional (Sameroff & Fiese, 1990) do desenvolvimento humano.

Em suma, pais e filhos são geradores de uma ligação recíproca e bidirecional em constante evolução, tal como referido por Faria e Fuertes (2007). Assim, pensando a autorregulação do bebê como um produto diádico e não apenas um contributo do bebê, e considerando as diferenças individuais na autorregulação infantil como preditores de posteriores relações de vinculação, os resultados deste estudo podem ser úteis aos profissionais de intervenção precoce como base de trabalho com as famílias, especificamente pela sua importância na prevenção. Em particular, os resultados desta investigação sugerem que a figura paterna também é central no desenvolvimento da autorregulação infantil, pelo que sugerimos que os mesmos sejam incluídos em momentos de avaliação e intervenção familiar. Tal como previamente sugerido por Fuertes e colegas (2009), as intervenções devem ser específicas tanto em relação às formas de autorregulação do bebê como da qualidade do comportamento interativo parental. Por outro lado, devem assim ser observados e descritos o funcionamento da tríade: pai, mãe e criança, em interação conjunta (Veríssimo, Monteiro & Santos, 2006 citados por Faria e colegas, 2014).

Referências

- Beeghly, M., Fuertes, M., Liu, C. H., Delonis, M. S., & Tronick, E. (2011). Maternal sensitivity in dyadic context: Mutual regulation, meaning-making, and reparation. *Maternal sensitivity: A scientific foundation for practice*, 45-69.
- Berlin, L. J., Brady-Smith, C., & Brooks-Gunn, J. (2002). Links between childbearing age and observed maternal behaviors with 14-month-olds in the Early Head Start Research and Evaluation Project. *Infant Mental Health Journal*, 23, 1-2, 104-129.
- Bornstein, M. H., Putnick, D. L., Suwalsky, J. T. D., & Gini, M. (2006). Maternal chronological age, prenatal and perinatal history, social support, and parenting of infants. *Child Development*, 77(4) 875-892.
- Braungart-Rieker, J., Garwood, M. M., & Notaro, P. C. (1998). Infant Affect and Affect Regulation during the Still-Face Paradigm with Mothers and Fathers: The Role of Infant Characteristics and Parental Sensitivity. *Developmental Psychology*, 34(6), 1428-1437.
- Braungart-Rieker, J. M., Garwood, M. M., Powers, B. P., & Wang, X. (2001). Parental sensitivity, infant affect, and affect regulation: Predictors of later attachment. *Child Development*, 72(1), 252-270.

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: theoretical models of human development*, Vol.1 (pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.

Cohn, J. F., & Tronick, E. (1989). Specificity of infants' response to mothers' affective behavior. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 28(2), 242-248.

Faria, A., & Fuertes, M. (2007). Reactividade infantil e a qualidade da interacção mãe-filho. *Análise Psicológica*, 4, XXV, 613-623.

Faria, A., Lopes dos Santos, P., & Fuertes, M. (2014). Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes. *Análise Psicológica*, 4, XXXII, 419-437.

Feldman, R. (2007). Parent–infant synchrony and the construction of shared timing; physiological precursors, developmental outcomes, and risk conditions. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 48(3-4), 329-354.

Forbes, E. E., Cohn, J. F., Allen, N. B., & Lewinsohn, P. M. (2004). Infant affect during parent-infant interaction at 3 and 6 months: differences between mothers and fathers and influence of parent history of depression. *Infancy*, 5, 1, 61-84.

Fuertes, M. (2005). Rotas da Vinculação – O desenvolvimento do comportamento interativo e a organização da vinculação no primeiro ano de vida do bebé prematuro. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Fuertes, M., Lopes dos Santos, P., Beeghly, M. & Tronick, E. (2006). More Than Maternal Sensitivity Shapes Attachment: Infant Coping and Temperament. *Annals New York Academy of Sciences*, 1094 (Resilience in Children), 292-296.

Fuertes, M., Lopes dos Santos, P., Beeghly, M. & Tronick, E. (2009). Infant Coping and Maternal Interactive Behavior Predict Attachment in a Portuguese Sample of Healthy Preterm Infants. *European Psychologist*, 14(4), 320-331.

Fuertes, M., Beeghly, M., Lopes dos Santos, P., & Tronick, E. (2011). Predictors of infant positive, negative and self-direct coping during face to face still-face in a Portuguese preterm sample. *Análise Psicológica*, 4, XXIX, 553-565.

Mann, J. (1992). Nurturance or negligence: maternal psychology and behavioural preference among preterm twins. In Barkow, J. H., Cosmides, L., Tooby, J. *The adapted mind. Evolutionary psychology and the generation of culture* (pp.367-390). New York: Oxford University Press.

Mayes, L. C., & Carter, A. S. (1990). Emerging social regulatory capacities as seen in the Still-Face situation. *Child Development*, 61, 754-763.

Mesman, J., van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2009). The many faces of the Still-

Face Paradigm: A review and meta-analysis. *Developmental Review*, 29(2), 120-162.

Moore, G. A., Cohn, J. F., & Campbell, S. B. (2001). Infant affective responses to mother's still face at 6 months differentially predict externalizing and internalizing behaviors at 18 months. *Developmental Psychology*, 37(5), 70-76.

Moore, M. R., & Brooks-Gunn, J. (2002). Adolescent parenthood. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: vol 3, Status and social conditions of parenting* (2nd ed., pp.173-214). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Nash, J. M. (2013). *Maternal Sensitivity in Mother-Infant Interactions for Infants with and without Prenatal Alcohol Exposure* (Doctoral dissertation). University of Washington. Consultada em <http://hdl.handle.net/1773/23370>

Ragozin, A. S., Basham, R. B., Crnic, K. A., Greenberg, M. T., Robinson, N. M. (1982). Effects of Maternal Age on Parenting Role. *Developmental Psychology*, 18(4), 627-634.

Sameroff, A. J., & Fiese, B. H. (1990). Transactional regulation and early intervention. In S. J. Meisels & J. P. Shonkoff (Eds.), *Handbook of Early Childhood Intervention* (pp.119-149). Cambridge: Cambridge University Press.

Seixas, I. (2015). Contributos maternos para a autorregulação do bebé na situação experimental face-to-face still-face. Tese de Mestrado. Tese não publicada. Escola Superior de Educação de Lisboa.

54 Tronick, E., Als, H., Adamson, L., Wise, S., & Brazelton, T. B. (1978). Infant's response to entrapment between contradictory messages in face-to-face interaction. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 17(1), 1-13.

Tronick, E. Z., & Weinberg, M. K. (1990). The infant regulatory scoring system (IRSS). Unpublished manuscript, Children's Hospital/Harvard Medical School, Boston.

Tronick, E. Z. (2007). *The neurobehavioral and social-emotional development of Infants and Children*. NY: Norton.

Weinberg, M. K., & Tronick, E. (1992). *Infant and Caregiver Engagement Phases*. Unpublished manuscript. Boston: Children's Hospital/Harvard Medical School.